

# Rasuras na escuta: rêverie e intersubjetividade na Clínica de Thomas Ogden

## *Erasures in listening: rêverie and intersubjectivity in Thomas Ogden's Clinic*

---

Milton Jeronimides\*

### Resumo

Este artigo discute a *rêverie* como forma privilegiada de comunicação e transformação emocional na clínica psicanalítica contemporânea. A partir da obra de Thomas Ogden e do diálogo com Bion, explora-se como a *rêverie*, articulada à matriz transferencial e contratransferencial, sustenta a criação de um espaço intersubjetivo em que o impensável pode gradualmente tornar-se pensável, isto é, passível de ser mentalizado e simbolizado. O texto se desenvolve a partir da análise de um caso clínico de Ogden e de uma vinheta de minha própria prática, evidenciando a *rêverie* como rasura da escuta, um espaço em que o analista sonha com o paciente e, com ele, recria o mundo interno.

**Palavras-chave:** *Rêverie*. Intersubjetividade. Matriz transferencial e contratransferencial. Terceiro analítico. Simbolização.

### Abstract

*This article discusses rêverie as a privileged form of communication and emotional transformation in contemporary psychoanalytic practice. Drawing on the work of Thomas Ogden and in dialogue with Bion, it explores how rêverie, articulated with the transference and countertransference matrix, sustains the creation of an intersubjective space in which the unthinkable can gradually become thinkable, that is, capable of being mentalized and symbolized. The text unfolds through the analysis of a clinical case by Ogden and a vignette from my own practice, highlighting rêverie as an erasure of listening, a space in which the analyst dreams with the patient and together they recreate the internal world.*

**Keywords:** *Rêverie*. Intersubjectivity; Transference–countertransference matrix. Analytic third. symbolization.

---

\* Psicanalista, artista plástico e engenheiro eletrônico. Formado em Engenharia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e em Psicologia pela Faculdade Metropolitana de São Paulo. Doutorando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-graduação lato sensu em Teoria Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da Computação pela Faculdade Manhattan College - Nova Iorque, EUA. São Paulo, SP, Brasil. mjeronimides@gmail.com

## Introdução

Há momentos na clínica em que a palavra se retrai, e o silêncio que se forma entre analista e paciente parece conter tudo o que ainda não pôde ser dito; uma imagem espessa, fugaz, um afeto sem dono, que atravessa o espaço analítico em busca de forma e sentido. É nesse espaço do indizível que a escuta analítica ultrapassa o domínio da técnica e se torna presença viva. Este artigo nasce desses momentos em que o analista é convocado a sonhar com o paciente, a sustentar o impensável e a permitir que a experiência emocional o conduza como uma bússola na direção do que precisa ser vivido e simbolizado.

A reflexão aqui proposta busca compreender como certos sofrimentos psíquicos, marcados pela ausência de representação e pela dor não simbolizada, encontram na relação analítica um espaço possível de expressão e transformação.

Para isso, apoio-me no pensamento de Thomas Ogden, que concebe a psicanálise como um campo de constituição intersubjetiva, em que analista e analisando participam conjuntamente da criação do sentido psíquico. Mais do que conceitos, Ogden nos oferece uma forma de estar em análise, um modo de escutar em que o pensamento se constrói a partir da emoção vivida no *setting* analítico e em que o analista – antes de tudo humano – se deixa afetar, sonhar e transformar pela experiência compartilhada.

A discussão que segue limita-se ao necessário para sustentar o trabalho clínico propriamente dito. Serão retomadas, de modo articulado e progressivo, noções como a matriz transferencial e contratransferencial, a *rêverie* e o terceiro analítico, sempre em diálogo com a experiência viva da escuta.

O percurso inicia-se em um caso clínico apresentado por Ogden e se prolonga em um fragmento de minha prática, com o intuito de mostrar que, na clínica contemporânea, pensar e sentir se entrelaçam como um único ato, um fazer que se constrói lentamente, tecendo as formas mais delicadas da escuta analítica.

## O papel intersubjetivo da transferência e contratransferência

Desde Freud (1912/2010), transferência<sup>1</sup> e contratransferência<sup>2</sup> foram compreendidas como forças centrais do processo analítico. Em Ogden (1982/2018), essa relação adquire um caráter simultâneo e constitutivo: não há primazia de um sobre o outro, mas uma coemergência de experiências emocionais entre analista e analisando.

A identificação projetiva, nesse contexto, deixa de ser vista apenas como defesa e passa a ser reconhecida como modo de comunicação primitiva, uma forma pela qual o analisando convida o analista a viver algo por ele. O campo analítico se constitui, então, como espaço de experiência compartilhada, onde o analista sente, contém e devolve algo que o paciente não pôde simbolizar.

A utilidade clínica desse conceito aparece não apenas na interpretação verbal, mas nas respostas silenciosas, corporais ou tonais, que devolvem ao paciente uma versão transformada do que foi projetado. Tais intervenções – embora não interpretativas no sentido clássico – favorecem a reorganização interna do paciente, permitindo que ele recupere o próprio pensamento.

Sob a ótica de Ogden, todas as respostas emocionais do analista são consideradas válidas e potencialmente úteis ao processo analítico. Essa interação afetiva manifesta a intersubjetividade e convoca o analista a reconhecer e manejar os movimentos de projeção e introjeção que atravessam o campo analítico. Em muitos momentos, esse trabalho se realiza sem a mediação de palavras, especialmente quando o paciente ainda não dispõe de recursos simbólicos

---

1. Transferência: conceito introduzido por Freud em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2014), definido como o deslocamento de conteúdos inconscientes para as instâncias pré-consciente e consciente, caracterizando-se, nesse primeiro momento, como um fenômeno intrapsíquico. Em *A dinâmica da transferência* (1912/2010), Freud amplia o conceito ao evidenciar sua estrutura relacional, sustentada pela repetição de protótipos infantis que se reatualizam na relação analítica. Assim, a transferência é compreendida como reencenação de fantasias originárias, que se tornam acessíveis à consciência por meio do vínculo com o analista (FREUD, 2010; LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

2. Contratransferência: inicialmente compreendida como obstáculo ao trabalho analítico, a partir da década de 1950 passou a ser concebida como instrumento clínico relevante. Paula Heimann (1950) propôs uma ampliação do conceito, sustentando que as emoções do analista são vias legítimas de acesso ao inconsciente do paciente, desde que reconhecidas com honestidade e discernimento técnico. Nessa perspectiva, a contratransferência envolve um campo de captação afetiva em que o inconsciente do analista apreende, de forma não racional, os conteúdos do analisando, tornando-se recurso investigativo indispensável. Ainda assim, Heimann adverte para a necessidade de diferenciar as emoções advindas da relação analítica daquelas oriundas da história pessoal do analista, sob pena de comprometer a eficácia interpretativa (HEIMANN, 1950).

para transformar a experiência emocional em representação. Essa interação afetiva manifesta a intersubjetividade e exige que o analista reconheça e maneje os movimentos de projeção e introjeção que circulam no campo analítico.

Em tais situações, o analista pode recorrer a intervenções não interpretativas, sustentadas mais pelo tom afetivo do vínculo do que pela palavra, como um gesto, uma inflexão de voz ou mesmo um silêncio que carrega em si a cadência, o ritmo e a pausa entre notas musicais, abrindo espaço para que um sentido possa emergir.

*Lembro-me, por exemplo, de um analisando que descrevia uma sensação de dor na ciática, sem conseguir associá-la a nada. Enquanto ele falava, percebi um desconforto crescente em minha própria postura. Em vez de interpretar, limitei-me a acompanhar o ritmo de sua fala e, após um longo silêncio, ele disse: “Parece que, pela primeira vez, não estou sozinho com essa dor”.*

Esse tipo de manejo, silencioso e compartilhado, é o que Ogden descreve como compreensão não verbal da experiência emocional, uma *rêverie*, pela qual o analista acolhe e transforma o que o analisando lhe deposita, devolvendo-o em forma que possa ser reintegrada e simbolizada (OGDEN, 1982/2018).

## **Matriz transferencial e contratransferencial – estados psicológicos**

O conceito de matriz transferencial e contratransferencial, desenvolvido por Ogden, integra noções fundamentais da psicanálise, como transferência, contratransferência, identificação projetiva e empatia. A matriz transferencial e contratransferencial é constituída por três estados psicológicos: posições autista-contígua, esquizoparanoide e depressiva. A matriz explora a interação dinâmica entre essas dimensões psíquicas, destacando a importância de entender as posições autista-contígua,<sup>3</sup> esquizoparanoide e depressiva<sup>4</sup> como formas

3. “A posição autista-contígua está associada ao modo mais primitivo de atribuir sentido à experiência. Trata-se de uma organização psicológica na qual a experiência do *self* é baseada na ordenação da experiência sensorial, particularmente, a sensação na superfície da pele” (OGDEN, 1994/2019, p. 140, tradução própria).

4. Os conceitos de posições esquizoparanoide e depressiva, tal como formulados por Melanie Klein em 1946 e 1935, respectivamente, são fundamentais para a compreensão da matriz transferencial e contratransferencial na clínica psicanalítica. Esses modos de organização psíquica — que dizem respeito a diferentes formas de relação com o objeto e com a angústia — encontram ressonância nos desenvolvimentos de Thomas Ogden, especialmente na obra *Subjects of Analysis* (1994/2019), na qual o autor articula tais posições à dinâmica intersubjetiva entre analista e analisando.

de atribuição de significado à experiência. Essas posições não existem isoladamente umas das outras, mas interagem de maneira dialética, com a predominância de uma delas sobre as outras duas em determinado momento do processo analítico.

Para Ogden, é essencial que o analista identifique o estado predominante do paciente para ajustar suas intervenções, privilegiando tanto o contexto quanto o conteúdo da comunicação no processo analítico. A matriz transferencial e contratransferencial é apresentada como um modelo abrangente para entender os diferentes níveis de interação entre analista e analisando, abrangendo desde formas primitivas de significado até níveis mais maduros de simbolização e representação. Com isso, ele propõe um manejo clínico que combine *insights* sobre a dinâmica intrapsíquica e intersubjetiva, permitindo maior flexibilidade no tratamento de pacientes/analisandos com diversas condições psíquicas.

## A rêverie de Thomas Ogden

Após a apresentação dos conceitos de transferência e contratransferência em Ogden, torna-se fundamental examinar o conceito de *rêverie* e sua relevância no processo psicanalítico, especialmente no que se refere à constituição da intersubjetividade na díade analítica. Wilfred Bion, autor de grande importância, articula *rêverie* e intersubjetividade em sua obra *Learning from Experience* (1962/2023), exercendo influência decisiva sobre a elaboração teórica e o pensamento clínico de Thomas Ogden.

Para Bion, a *rêverie* é a capacidade receptiva da mente materna, e por analogia da mente do analista, de acolher, conter e transformar as experiências emocionais projetadas pelo bebê ou pelo paciente, especialmente aquelas ainda não simbolizadas. Ela funciona como um órgão psíquico de recepção do self em formação, um espaço interno sensível às comunicações primitivas que ainda não possuem forma ou linguagem e que se expressam por meio de sensações corporais e afetos brutos.

Sob a ótica bioniana, a *rêverie* constitui uma função essencial da escuta analítica, pois permite captar conteúdos inconscientes e facilitar a comunicação emocional entre analista e analisando. Integra o trabalho de continência do analista, que envolve acolher e transformar os elementos projetados pelo paciente em pensamentos metabolizados.

A *rêverie* opera como via da função alpha, possibilitando que as experiências emocionais não simbolizadas sejam transformadas em formas passíveis de ser

pensadas e sonhadas. Segundo Bion (1962/2023), “a função alfa possibilita a conversão de elementos sensoriais brutos em elementos alfa” (p. 71, tradução própria). Esses elementos brutos, chamados elementos *beta*, são experiências não digeridas emocionalmente e, portanto, inassimiláveis pelo pensamento. A função alfa torna possível sua transformação em representações simbólicas que alimentam o pensamento onírico e sustentam a diferenciação entre vigília e sono, consciente e inconsciente. É por meio dessa função que o psiquismo se torna capaz de sonhar, pensar, lembrar, esquecer e aprender a partir da experiência.

A *rêverie* seria então, para Bion, um estado compartilhado entre analista e analisando, que permite acessar os processos emocionais e criar significados a partir das experiências inconscientes da dupla analítica. Sob as palavras de Bion (1962/2023), a *rêverie*

[...] designa um estado mental da mãe (ou do analista) caracterizado por uma receptividade afetiva profunda às projeções do bebê, especialmente aquelas impregnadas de amor ou ódio. Trata-se de uma capacidade psíquica de transformar os elementos brutos da experiência emocional em conteúdos pensáveis e simbolizáveis, constituindo assim um fator essencial da função alfa (p. 45-46, tradução nossa).

Ogden (1994/2019) parte da visão de Bion para entender a *rêverie*, e a concebe como um fenômeno intersubjetivo que envolve pensamentos, memórias, percepções, ruminações, lembranças e imagens que emergem da matriz transferencial e contratransferencial da dupla analítica. Assim, Ogden retoma e enriquece o conceito de *rêverie*, acrescentando-lhe novas dimensões clínicas e teóricas, especialmente no que diz respeito à intersubjetividade e à constituição do campo analítico que ele denomina de terceiro analítico, uma fusão intersubjetiva dos inconscientes de analista e analisando, resultando em pensamentos, imagens e experiências que emergem da relação analítica.

O terceiro analítico foi um conceito desenvolvido por Thomas Ogden em 1994 na obra *Subjects of Analysis* para designar uma forma intersubjetiva de experiência clínica, resultante da coemergência das subjetividades do analista e do analisando no campo transferencial-contratransferencial. Trata-se de uma criação conjunta que ao mesmo tempo constitui e é constituída pela díade analítica. Sem esse campo simbólico compartilhado, não haveria propriamente analista, analisando ou processo analítico (OGDEN, 1994/2019).

Diferentemente dos pensamentos de Bion, Ogden entende que esses estados podem ser sobrepostos tanto às *rêveries* oriundas do analista quanto às do

analisando: a *rêverie* é uma experiência que trafega entre os mundos intrassubjetivo e intersubjetivo, “por meio de formas particulares e mundanas” (OGDEN, 1997/2013, p. 145), e é com base nesse pressuposto que entendemos ocorra a constituição da intersubjetividade na diáde analítica.

A *rêverie* de Ogden é então constituída pelos fatos que ocorrem na vida durante o dia e a noite, reconhecidos por rumações, fantasias, sensações corporais, percepções fugazes, imagens provenientes dos sonhos, melodias e frases que atravessam a mente do analista e a do analisando durante as sessões analíticas (OGDEN, 1997/2013), e a interpretação eficaz nasce desse processo: “conversas sonhantes”<sup>5</sup> (*talking-as-dreaming*), a linguagem que conecta as *rêveries* do analista às do paciente, gerando *insights* compartilhados.

## A importância da intuição no setting analítico

Na clínica psicanalítica, a intuição se manifesta como uma forma de escuta sensível, capaz de apreender nuances da experiência emocional antes mesmo que estas adquiram forma simbolizada. Trata-se de um saber que emerge do campo relacional entre analista e paciente, permitindo o acesso a dimensões não verbais do sofrimento psíquico e sustentando, por meio da *rêverie*, processos emocionais ainda em vias de representação. É pertinente recordar a ênfase à intuição atribuída por Bion na obra *Attention and Interpretation*:

O médico pode ver, tocar e cheirar. As realizações com as quais um psicanalista lida não podem ser vistas ou tocadas; a ansiedade não tem forma, cor, cheiro ou som. Por conveniência, proponho usar o termo “intuir” como um paralelo no domínio psicanalítico para o uso do médico de “ver”, “tocar”, “cheirar” e “ouvir” (BION, 1970/2018, p. 7, tradução nossa).

Embora Ogden não elabore a intuição como um conceito isolado, entende-se que ela se inscreve em um processo experiencial mais amplo, que envolve a escuta intersubjetiva, a constituição do terceiro analítico e a criação do passado no presente. A intuição exerceria um papel crucial nesse percurso, funcionando como ponto de partida para a emergência da *rêverie*. Marina Ribeiro (2022), na obra *Sobre intuição psicanalítica: a afetação enigmática*, elabo-

5. Conversas sonhantes, tradução de Tânia Zalcberg, *Recuperando a vida não vivida – Reclaiming Unlived Lives* – 2016 – Thomas Ogden.

ra que a transformação da intuição em *rêverie* revela-se, assim, fundamental para o progresso analítico, na medida em que se configura como uma prática intersubjetiva: um campo partilhado de experiência emocional entre analista e analisando. Nesse contexto, o trabalho analítico não se limita à interpretação, mas implica vivenciar as experiências emocionais que emergem na sessão, com o analista ajustando-se intuitivamente às necessidades psíquicas do paciente e à singularidade de cada encontro clínico.

Ogden (2009), em *Rediscovering Psychoanalysis*, enfatiza que o analista deve desenvolver um estilo próprio, criando uma psicanálise única para cada analisando e para cada contexto específico. Entendemos que a intuição portanto é central para acessar e compreender a realidade psíquica inconsciente do paciente, não por meio da análise intelectual, mas pela vivência e experiência emocional compartilhadas pela dupla analítica no *setting* analítico.

Ao explorar a dialética entre a matriz transferencial e contratransferencial e a *rêverie*, evidencia-se a interação dinâmica desses conceitos na prática clínica, especialmente no modo como se articulam na escuta analítica. No caso clínico de Ogden e na vinheta do autor apresentados a seguir, destacam-se *rêveries* emergentes do campo intersubjetivo da díade analítica, atuando como mediadoras do processo e favorecendo a compreensão de projeções, introjeções, pensamentos inconscientes compartilhados, afetos e sentimentos. Ambos os relatos ilustram, de forma articulada, a aplicação dos principais fundamentos psicanalíticos desenvolvidos por Ogden, evidenciando seu potencial transformador na criação de significados e no fortalecimento do vínculo analítico. Trata-se de experiências que permitem a simbolização de vivências emocionais frequentemente difíceis de traduzir em palavras — o não dito, o inaudito, o inefável.

### **Caso clínico — A carta roubada de Thomas Ogden**

O fragmento da clínica de Thomas Ogden aqui exemplifica, de maneira sensível e precisa, a articulação entre matriz transferencial e contratransferencial e *rêverie* no *setting* analítico. Por meio desse material, evidencia-se como tais conceitos orientam o trabalho clínico, favorecendo a recepção e a transformação de experiências emocionais não simbolizadas, bem como a sustentação da complexa rede intersubjetiva entre analista e analisando. Nesse percurso, a matriz e a *rêverie* operam como verdadeiras bússolas, guiando o analista na escuta dos conteúdos inconscientes e na construção de um espaço psíquico compartilhado.



Esse movimento pode ser observado de forma exemplar no caso clínico apresentado por Thomas Ogden, intitulado “*A Carta Roubada*”, (1994/2019, p. 65-83), cuja narrativa é profundamente atravessada pela noção de intersubjetividade e pelo conceito de terceiro analítico.

No caso do Sr. L., homem de 45 anos, diretor de uma ONG em análise com Ogden há três anos, o autor ilustra de forma exemplar a formação do terceiro analítico, o campo intersubjetivo compartilhado entre analista e paciente no qual ambos são afetados e transformados pela experiência emocional vivida na sessão. Desde o início do relato, Ogden evita descrições diagnósticas formais, privilegiando o clima psíquico da análise e a experiência emocional da dupla, com ênfase nos estados afetivos que emergem na transferência e na contratransferência.

O envelope, inicialmente um objeto banal sobre o qual Ogden havia feito anotações pessoais, adquire progressivamente função simbólica, tornando-se um verdadeiro objeto analítico. Suas irregularidades e marcas idiossincráticas evocam em Ogden *rêveries*, lembranças e sentimentos que revelam o entrelaçamento entre sua vida subjetiva e a do paciente. Assim, o envelope passa a representar o lugar do analista como continente das marcas da experiência compartilhada, espelhando seu aspecto humano e falível – aquilo que o torna capaz de participar da criação do terceiro analítico.

O paciente descreve uma vida mecânica e sem afeto; seus sonhos e falas expressam paralisia emocional, aprisionamento e esterilidade psíquica. Ogden, em contratransferência, experimenta sonolência, urgência e desamparo, reconhecendo nessas sensações identificações projetivas e material bruto de *rêverie*. Em uma das sessões, recorda o livro infantil *Charlotte's Web*, que lia na infância em momentos de solidão, e percebe que essa lembrança surge enquanto o Sr. L. fala do sentimento de estranhamento em sua própria casa, onde, apesar da presença da esposa e dos filhos, sentia-se ausente de sua própria vida. Ogden compreende então que sua *rêverie* é uma via de acesso à dor psíquica do paciente, ressoando em sua própria experiência emocional.

Outro momento marcante ocorre quando o Sr. L. relata um sonho no qual encontra hieróglifos indecifráveis e é tomado por um sentimento de vazio e desesperança. Simultaneamente, Ogden se vê envolvido por ruminações desconexas, seguidas pela preocupação banal com o horário de fechamento da garagem onde seu carro estava. Essa associação se transforma em *rêverie* significativa: o fechamento da garagem simboliza, para Ogden, a impessoalidade e a rigidez que ameaçam a vitalidade emocional da análise. O cenário da garagem, o cheiro de gás, a dureza do chão e a frieza do vidro encarnam sensorialmente a aridez afetiva que se instala na sessão.

A presença do envelope sobre a mesa, com o nome de Ogden digitado de forma inexata, evoca outra lembrança significativa: o Sr. L. dissera sentir-se mais próximo do analista quando ele cometia erros. Ogden compreende que essas falhas, como as irregularidades do envelope, tornam a experiência analítica mais humana e menos mecânica. Essa percepção não é intelectual, mas empática: Ogden sente, e não apenas entende, a angústia do paciente diante do que parece humano, mas se revela impessoal e indiferente.

O conceito de terceiro analítico se manifesta quando analista e analisando compartilham uma experiência emocional única, capaz de transformar ambos. Ogden percebe que a análise se aproximava de um estado de agonia psíquica compartilhada, marcada por silêncio, sonolência e sensação de sufocamento. O Sr. L. expressa essa vivência ao afirmar que a sala estava quente e com um ar perturbadoramente parado, sem relacionar isso aos próprios sentimentos — sinal da desconexão entre seu mundo interno e sua capacidade de simbolização.

Essa atmosfera de esvaziamento é rompida por um sonho em que o paciente está submerso em uma piscina, tentando prender a respiração, até que um desconhecido lhe diz que pode respirar debaixo d'água. O ponto central do caso ocorre quando Ogden abandona o esforço de compreender intelectualmente o paciente e se permite simplesmente estar com ele no silêncio, sustentando o campo vivo da experiência emocional sem recorrer à interpretação imediata. Esse gesto inaugura um novo espaço de respiração psíquica, simbolizado pela possibilidade, no sonho, de respirar debaixo d'água, deixar-se afetar sem sufocar.

Ao tentar, o paciente percebe que é possível e, tomado por uma tristeza profunda, chora. Um amigo não identificado o acolhe em silêncio, e o Sr. L. se emociona com o fato de esse amigo não tentar consolá-lo, apenas permanecer presente.

Ogden compreende o sonho como a expressão da capacidade nascente do paciente de suportar e elaborar afetos intensos, como a tristeza e o isolamento, sem transformá-los em ansiedade. O Sr. L. sente-se grato pela presença silenciosa de Ogden, percebendo nesse silêncio um gesto de respeito e transformação.

Ao final, Ogden observa que os rabiscos no envelope representam não apenas registros privados do analista, mas a própria dinâmica intersubjetiva vivida com o paciente. Esses fragmentos subjetivos, advindos da *rêverie*, constituem a matéria da escuta analítica e dão forma ao terceiro analítico, um campo vivo que, ao mesmo tempo *sujeito e relação*, nasce da experiência compartilhada em que analista e analisando se transformam mutuamente.

## Vinheta<sup>6</sup> - Pensamento e prática à luz de Ogden

A partir das contribuições de Ogden, apresento uma vinheta clínica de minha prática em que a *rêverie* e a matriz transferencial e contratransferencial se mostraram centrais na construção do campo intersubjetivo e na simbolização da experiência emocional.

A escuta psicanalítica, tal como a concebe Ogden, muitas vezes se inaugura por imagens que atravessam o analista antes mesmo de assumirem sentido. Esta vinheta começa exatamente assim: com uma *rêverie* – inesperada, íntima e reveladora.

***Deitado no sofá de casa, por volta dos seus seis meses de vida, meu filho me olhava fixamente de seu berço...***

O caso enfatiza a construção do campo intersubjetivo e a constituição do terceiro analítico, conforme formulado por Ogden em *Subjects of Analysis*. Ao longo do processo, sustentou-se uma escuta atenta aos movimentos transferenciais e contratransferenciais, bem como ao surgimento de *rêveries*, compreendidas aqui como vias privilegiadas de simbolização emocional compartilhada.

Após ter realizado mais de seis anos de análise com outros analistas, K. continuava a relatar perdas afetivas: a morte dos avós, do pai e a separação da esposa, além do sofrimento da mãe pela perda de dois bebês nascidos depois de seu nascimento, um duplo luto que impregnou a família de dor e silêncio.

A análise com K., atravessada por essas perdas e pela ausência precoce do olhar materno, revelou desde o início uma intensa necessidade de cuidado e acolhimento. Em uma sessão, surgiu em *rêverie* a imagem do meu filho bebê, deitado no berço e me olhando fixamente. Essa cena interna despertou em mim sentimentos de ternura e atenção materna, sinalizando a formação de um campo emocional compartilhado. A *rêverie* me ajudou a compreender de que modo K. buscava, nas figuras femininas e, agora, na relação analítica, uma mãe suficientemente presente.

Nessa experiência, evidenciou-se o entrelaçamento entre transferência e contratransferência, cuja dinâmica refletia e transformava continuamente o

---

6. A vinheta apresentada constitui uma construção narrativa condensada, elaborada a partir de distintos momentos da experiência clínica. Entre as diversas possibilidades de abordagem desse recurso, optei por preservar o núcleo da problemática centrado nas imagens mentais implicadas na escuta analítica, bem como no manejo clínico delas decorrente, por considerá-los elementos indissociáveis dos objetivos desta pesquisa.

vínculo analítico. Como afirma Ogden (1994/2019), “a transferência e a contratransferência refletem uma à outra, mas não são imagens espelhadas”. A imagem do bebê, um pensamento onírico que emergiu da *rêverie*, revelou-se o motor do processo analítico.

Ao longo dos meses, percebi a intensidade do apelo de K. por cuidado e presença. Sua transferência materna mobilizava em mim uma contratransferência igualmente cuidadora, levando-me a responder com atenção e delicadeza, sem perder a capacidade de pensar. Somente com o tempo pude reconhecer que a *rêverie* do bebê simbolizava a dimensão vital do processo: *a possibilidade de fazer existir uma mãe viva dentro do campo analítico*.

As repetições transferenciais tornaram visível o “fantasma da mãe morta” e uma fantasia onipotente defensiva, que se alternava com súplicas por cuidado. Nos sonhos de K., o assassinato da mãe de uma namorada e a tristeza por não poder ter filhos revelavam experiências inconscientes de desamparo e exclusão. Esses conteúdos foram sendo retrabalhados no terceiro analítico, um espaço em que o passado não é simplesmente revivido, mas vivido pela primeira vez na experiência compartilhada entre analista e paciente.

O campo onírico comum, composto pelos sonhos de K. e pelas minhas *rêveries*, permitiu o aprofundamento da experiência emocional, abrindo espaço para formas de comunicação simbólica e não verbal. A atitude onipotente de K., expressa em silêncios e retraimentos quando se sentia rejeitado, pôde ser compreendida como defesa frente à ausência do objeto materno, conforme Ogden descreve em *Sobre sustentar e conter, ser e sonhar* (2005/2010).

A matriz transferencial e contratransferencial, condição e consequência do vínculo analítico, constituiu o alicerce da revitalização psíquica do paciente, sustentada por uma escuta que não buscava corrigir ou explicar, mas conter e acolher a experiência emocional em sua singularidade.

Nesse contexto, o trabalho analítico privilegiava o processo descritivo – mais atento à forma como os estados afetivos se apresentavam e se transformavam na sessão do que à busca por explicações causais. Quando predominava a posição depressiva, criava-se um campo propício à elaboração interpretativa; nos demais estados, a *rêverie* era imprescindível para metabolizar conteúdos ainda não simbolizados. Nesse espaço intersubjetivo, tornava-se possível sonhar juntos, respirar juntos e construir uma experiência emocional que K. jamais havia sido capaz de viver.

## **Algumas considerações: a constituição da intersubjetividade na díade analítica**

As duas vinhetas clínicas trazidas ilustram como, por meio da *rêverie* e da constituição do terceiro analítico, torna-se possível acessar e transformar experiências traumáticas encapsuladas. A intersubjetividade no *setting* permite que analista e analisando compartilhem a construção de significados simbólicos a partir de vivências emocionais compartilhadas. Ogden enfatiza que é nesse espaço relacional, sustentado pela escuta sensível e pela posição depressiva da matriz transferencial e contratransferencial, que a interpretação se torna eficaz, favorecendo a simbolização de conteúdos inconscientes.

Assim, a escuta clínica inspirada em Ogden convida o analista a ocupar um lugar sensível e receptivo, disponível à experiência emocional compartilhada e às transformações que dela emergem. Trata-se de uma escuta que se orienta não apenas pelo que é dito, mas, sobretudo, pelo que permanece em silêncio – o inefável, o indizível, o não-dito que habita o campo analítico e que exige ser acolhido antes de qualquer tentativa de nomeação.

Por meio da *rêverie*, do manejo da matriz transferencial e contratransferencial e da construção do terceiro analítico, o processo psicanalítico se desdobra como um espaço de coautoria simbólica, onde experiências primitivas, até então encapsuladas ou não representadas, podem finalmente adquirir forma, voz e sentido. A clínica contemporânea, ao se deparar com os impasses do traumático e do não simbolizado, encontra nesse modelo um solo fértil para sustentar a presença, o silêncio e a criação de novos modos de existir em análise.

Para Ogden, a interpretação pode ser compreendida como a verbalização de uma *rêverie*, conceito central em *Rêverie e Interpretação* (1997/2013). Ao interpretar, o analista oferece ao paciente uma forma de pensar algo que ainda não havia sido pensado. A emoção vem primeiro; a interpretação surge depois, como tradução simbólica, e não literal, da experiência emocional partilhada no campo intersubjetivo.

Ampliada para além do seu aspecto meramente verbal, a interpretação deixa de ser um esclarecimento racional e passa a funcionar como recurso transformador, que favorece a emergência de experiências emocionais mais profundas. Nesse sentido, interpretar é também escutar com o corpo: integrar gestos, inflexões, silêncios e a própria atmosfera afetiva da sessão.

A interpretação, portanto, não se limita a traduzir conteúdos inconscientes em palavras, mas se torna um modo de dar forma ao que ainda não tem

forma, um gesto simbólico que acolhe e devolve ao paciente elementos comunicativos que escapam à linguagem formal.

**É na posição depressiva da matriz transferencial e contratransferencial** que a interpretação adquire sua potência transformadora. Trata-se de um estado em que analista e analisando são capazes de sustentar a ambivalência afetiva, assim como as perdas e frustrações implicadas na relação transferencial, favorecendo a integração de aspectos anteriormente dissociados da experiência psíquica. A partir desse campo intersubjetivo mais elaborado, a interpretação deixa de operar como mero esclarecimento racional, convertendo-se em um gesto simbólico, capaz de produzir transformações significativas na experiência emocional compartilhada.

Importa destacar que a limitação na verbalização por parte do analisando não impede o trabalho interpretativo do analista. Ao contrário, exige dele uma escuta ampliada, sensível às formas não verbais de expressão, incluindo imagens mentais que emergem no campo analítico. Essas imagens, formadas na interseção entre os mundos psíquicos do analista e do paciente, podem ser compreendidas como produtos de um processo de intersubjetivação e da presença operativa do terceiro analítico.

Ogden diferencia o conhecimento da experiência emocional na prática analítica. A psicanálise ontológica<sup>7</sup> prioriza a vivência emocional compartilhada entre analista e analisando, enquanto a epistemológica<sup>8</sup> privilegia o conhecimento. Inspirado em Bion (1962, *Learning from Experience*), Ogden associa a *rêverie* ao conceito de *Containing*, destacando o papel do analista como transformador das experiências emocionais em conteúdos psíquicos simbolizados, representados e integrados.

Para isso, Ogden parte do conceito de sonhar acordado de Bion, e nele utiliza a *rêverie* como uma ferramenta para interpretar pensamentos oníricos, pensamentos inconscientes e/ou estados mentais imaginários, auxiliando na construção de significados. O pensamento inconsciente (pensamento onírico)

7. Sob o vértice da psicanálise ontológica, o conhecimento obtido pelo paciente e pelo analista não é o ponto essencial, mas sim a experiência do analisando de alcançar a compreensão de forma criativa. É a experiência, na qual o analisando é engajado não pela busca da compreensão de si mesmo, mas na experiência predominante de se tornar ele mesmo (OGDEN, 2022, p.9-32). Portanto, aqui, o essencial é o ser e tornar-se.

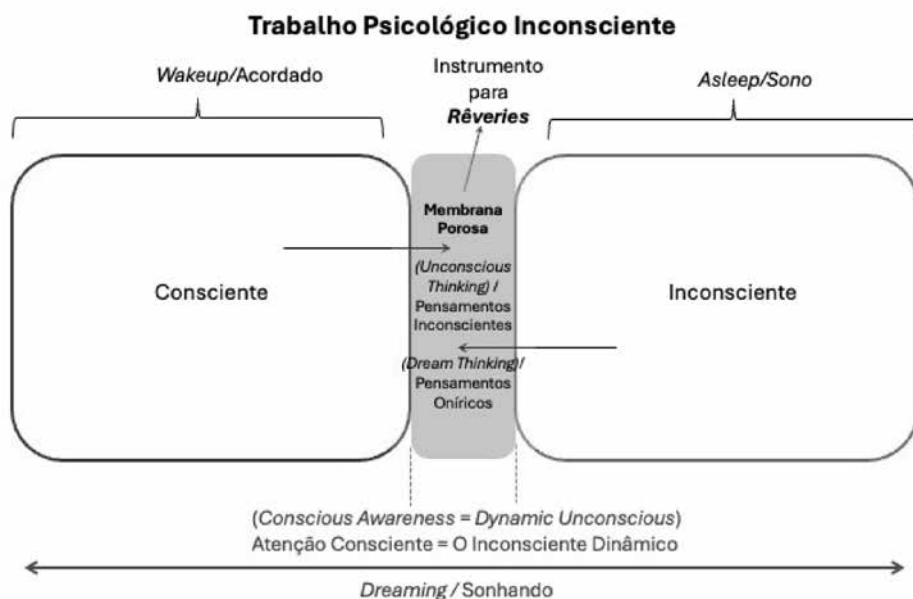
8. A psicanálise epistemológica está relacionada à aquisição de conhecimento e compreensão, destacando, principalmente, a questão que provoca angústia no paciente, prevalecendo a interpretação. Segundo Ogden, “essas compreensões servem para organizar a experiência do sujeito de uma forma que seja valiosa para lidar com seus problemas emocionais e alcançar mudanças psíquicas” (OGDEN, 2022, p. 10, tradução nossa).

é “a forma mais rica de pensamento, ininterrupto, isto é, contínuo, ocorrendo na vigília e no sono” (OGDEN, 2022, p. 99, tradução nossa). “Ambos os modos de sonhar – aquele feito durante o sono e o sonho inconsciente acordado – geram uma barreira semipermeável viva que liga e separa o consciente do inconsciente” (OGDEN, 2005/2010, p. 71). Completa:

O sonhar envolve uma forma de trabalho psicológico inconsciente que ocorre entre a relação dos ‘aspectos pré-conscientes da mente e os pensamentos, sentimentos e fantasias perturbadores que ainda estão impedidos de chegar à atenção do consciente, ainda pressionando nesta direção (o inconsciente dinâmico) (OGDEN, 2005/2010, p. 128).

Sintetizando o processo do trabalho psicológico inconsciente sob a ótica de Thomas Ogden, descrita no seu artigo *Sobre sustentar e conter, ser e sonhar* (OGDEN, 2005/2010), sugere-se o quadro a seguir para ilustrar como ocorre o trabalho psicológico inconsciente.

Quadro 1 – Trabalho psicológico inconsciente



Fonte: elaborado pelo autor com base nos conceitos de Thomas Ogden, descritos no seu artigo *Sobre sustentar e conter, ser e sonhar* (Ogden, 2005/2010).

As duas vinhetas clínicas aqui apresentadas evidenciam como a matriz transferencial e contratransferencial e a *rêverie* operam em conjunto na interpretação de símbolos, emoções e dinâmicas inconscientes, promovendo a integração psíquica e a transformação emocional do paciente. Ambas ressaltam a relevância da *rêverie* e das dinâmicas transferenciais na promoção da simbolização e do desenvolvimento emocional ao longo do processo psicanalítico.

É fundamental reconhecer que os processos inconscientes se comunicam de maneira involuntária e inevitável no vínculo entre analista e analisando, há um transbordamento psíquico constante que exige do analista uma escuta atenta, capaz de acolher aquilo que escapa ao controle consciente e que se manifesta como expressão do indizível.

Os conceitos de matriz transferencial e contratransferencial e *rêverie* são fundamentais para a constituição da intersubjetividade na díade analítica, pois revelam a complexa interação emocional e inconsciente entre analista e analisando, permitindo a criação de significados compartilhados e o fortalecimento do vínculo analítico. A identificação projetiva, presente tanto na transferência quanto na contratransferência, é um componente intrínseco à intersubjetividade do par analítico. O analista precisa distinguir entre suas próprias respostas e as reações genuínas à interação analítica.

Esses conceitos sustentam a intersubjetividade na díade analítica, possibilitando que analista e analisando criem um espaço de compreensão mútua, onde as emoções se transformam em significados compartilhados e favorecem a mentalização, o desenvolvimento da capacidade de pensar e o crescimento de ambos.

As rasuras da escuta são o lugar onde o pensamento se escreve com o traço da emoção e onde o analista, ao sonhar com o analisando, transforma a experiência emocional em capacidade de pensar, mentalizando o que ainda não havia sido representado nem simbolizado.

## Referências

BION, W. R. (1962). *Learning from Experience*. New York: Routledge, 2023.

\_\_\_\_\_. (1970). *Attention and Interpretation*. New York: Routledge, 2018.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2014. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 4.)



\_\_\_\_\_. (1912). *A dinâmica da transferência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 133-146. (Obras completas, 10).

\_\_\_\_\_. (1915). *Observações sobre o amor de transferência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 210-228. (Obras completas, 10).

\_\_\_\_\_. (1926). *Inibição, sintoma e angústia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-123. (Obras completas, 17).

GREEN, A. (1974). O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico. In: GREEN, A. *A loucura privada*. São Paulo: Escuta, 2017.

\_\_\_\_\_. (1980). A mãe morta. In: GREEN, A. *Narcisismo de vida e narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988. p. 239-273.

HEIMANN, P. (1950). Sobre a contratransferência. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 2, n. 1, p. 171-176, 1995.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (2016). *Vocabulário da psicanálise*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.

OGDEN, T. H. (2005). Sobre sustentar e conter, ser e sonhar. In: OGDEN, T. H. *Esta arte da psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 121-139.

\_\_\_\_\_. (2005). Sobre não ser capaz de sonhar. In: OGDEN, T. H. *Esta arte da psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 68-85.

\_\_\_\_\_. (1995). *Rêverie e interpretação*. São Paulo: Escuta, 2013.

\_\_\_\_\_. (1983). *A matriz da mente*. São Paulo: Blucher, 2017.

\_\_\_\_\_. (1982). *Projective identification and psychotherapeutic technique*. New York: Routledge, 2018.

\_\_\_\_\_. (1994). *Subjects of analysis*. New York: Routledge, 2019.

\_\_\_\_\_. Rediscovering psychoanalysis. In: OGDEN, T. H. *Rediscovering psychoanalysis*. New York: Routledge, 2009. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. Intuiting the Truth of What's Happening. In: OGDEN, T. H. *Reclaiming Unlived Life*, New York: Routledge, 2016. p. 71-92.

\_\_\_\_\_. Dreaming the analytic session. In: OGDEN, T. H. *Coming to life in the consulting room*. London and New York: Routledge, 2022. 98-115.

\_\_\_\_\_. Ontological psychoanalysis or "What do you want to be when you grow up?". In: OGDEN, T. H. *Coming to life in the consulting room*. London and New York: Routledge, 2022. p. 9-32.

RIBEIRO, M. F. da R. Sobre intuição psicanalítica: a afetação enigmática. *Cadernos de Psicanálise (CPRJ)*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 46, p. 155-168, jan./jun. 2022. Disponível em: <[https://www.cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/355](https://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/355)>. Acesso em: 16 abr. 2025.

### **Tramitação**

Recebido 05/02/2025

Aprovado 19/02/2026